Apresentação

Maria Lucia da Silveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVEIRA, M. L. Apresentação. In: *O nervo cala, o nervo fala: a linguagem da doença* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. Antropologia e saúde collection, pp. 7-9. ISBN: 978-85-7541-609-9. Available from: doi: [10.7476/9788575416099.001](https://doi.org/10.7476/9788575416099.001). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/k4vp7/epub/silveira-9788575416099.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apresentação

Um tanto cansada de ouvir (principalmente de *me* ouvir) reclamar da disposição cartesiana das disciplinas científicas no que concerne ao conhecimento do ser humano, especialmente no tocante ao seu bem-estar e ao seu sofrimento, decidi pela construção – pessoal, num primeiro momento – de uma prática de borramentos ou de costuras em zigue-zague entre fronteiras disciplinares.

Esse esforço antecedeu em muito a minha entrada no mestrado em antropologia social, no qual desenvolvi a pesquisa que fundamenta este livro. Ela começara por uma incursão breve no curso de ciências sociais antes de meu ingresso na graduação em medicina, prolongara-se no curso de especialização em saúde pública (que sucedeu a uma bem tradicional residência em clínica médica e doenças transmissíveis) e se firmou em definitivo quando participei ecleticamente de eventos das áreas de clínica médica – estes me *enervavam* por sua estreiteza e pela visão empobrecida sobre o ser humano –, de saúde pública, e outros, de natureza política (associações, sindicatos, partido político).

Com tal disposição, busquei da antropologia a contribuição possível para a retomada da integridade do ser humano como objeto das ditas ciências da saúde. É claro que não estou querendo dizer que um olhar antropológico para o indivíduo e seu meio seja capaz de, isoladamente, dar conta de tal empreitada; apenas ressalto que esta via tem uma potencialidade muito grande a ser explorada e aplicada no campo da saúde, ampliando-o sobremaneira.

É o que tento demonstrar ao apresentar esta pesquisa sobre o *sofrimento de nervos* entre mulheres numa comunidade de descendentes de açorianos na Ilha de Florianópolis, em Santa Catarina.

Neste ponto, é bom que me confesse: trata-se de uma confissão da médica, parte talvez de meu rito pessoal de passagem deste estado para o de médica-antropóloga. Quando a professora Esther Jean Langdon me sugeriu o *nervoso* como tema de pesquisa, médica que eu era, entrei logo na defensiva: “imagine, isso está toda hora nos consultórios, mas o que é o nervoso do ponto de vista médico? *Nada! Nem nos livros está descrito, isso pode ser assunto para psicólogo, talvez, mas para médico...*” Porém, uma certa disciplina me fez encetar uma pré-pesquisa e, após entrevistar dois médicos e conversar com algumas moradoras, me dei conta de que, de fato, havia uma discrepância, uma distância quase infinita, entre o *sofrimento real dos nervos* e os sofrimentos legitimados nos livros e na prática médica, pela localização orgânica, pela disfunção bioquímica ou mecânica.

Até aqui eu fora o que as pacientes e seus familiares chamam de “*médica boazinha*”, ou seja, aquela profissional que, se não ajuda, ao menos não atrapalha, receita uns remedinhos de receita azul, pra dormir, mas não diz o que é, o que fazer”. E que, segundo eles, “nas primeiras consultas trata bem, mas logo se enche da gente e começa a mandar de um lado para o outro”.

Por essas e por outras é que, quando falo desta pesquisa, costumo dizer: “como médica, mordi minha língua umas tantas vezes”. Pois, freqüentemente, o espelho que as pacientes me ofereciam para que eu apreciasse a prática médica me mostrava, ao contrário da esperada imagem poderosa e bela de um discípulo de Asclépio, a feia imagem de um serviçal de uma prática que, por omissão mais do que por disposição, se tornou mercenária, pouco resolutiva e a serviço dos interesses, por exemplo, dos laboratórios farmacêuticos e das empresas médicas, que têm no *sofrimento dos nervos* e no despreparo médico para enfrentá-lo uma de suas fontes mais seguras de receita.

Mas, *nervos*, com sua característica de síndrome culturalmente delimitada ou de sintomas interpretados culturalmente, é – não devemos esquecer – apenas um exemplo da inabilidade profissional. As considerações aqui feitas poderiam estender-se a praticamente todas as situações que exigem enfrentamento clínico. Muitos refutarão tal possibilidade, sobretudo diante dos diagnósticos de base indiscutivelmente orgânica. Porém, ainda falando de *dentro*, ou seja, como médica, mas utilizando um instrumento de fora (pois obtido pela pesquisa qualitativa), que é *a fala e o ponto de vista das pacientes*, fico bastante à vontade para dizer que elas se aplicam a todo o campo da saúde. Vejam que aqui não disse campo médico, e sim da saúde, pois entendo que tais considerações se aplicam não só a esses profissionais, mas a todos quantos atuam nessa área: médicos, enfermeiros, farmacêuticos, psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais...

Assim, o livro, no meu entender, trata muito mais das debilidades profissionais do que da fraqueza da clientela e, se é duro na crítica, é porque acredito que tenhamos grandes possibilidades de recuperação. Não só a crescente demanda da sociedade o exige, mas a cada dia vejo mais e mais profissionais preocupados em mudar uma prática insatisfatória que, embora permita adquirir o carro do ano, atrapalha o sono do seu praticante pela frustração crescente, pois, felizmente, as cabeças da maioria não são apenas caixas registradoras.

Agradecimentos se propõem sempre mostrar que não somos injustos nem ingratos, mas, infelizmente, ao agradecer nosso maior risco é justamente este: esquecer involuntariamente quem tenha, de alguma forma, contribuído para a conclusão de nossa trajetória. Temendo que tal ocorra, registro minhas escusas prévias àqueles cujos nomes deveriam figurar aqui.

Ao nomear algumas pessoas que estiveram envolvidas mais diretamente com a minha trajetória e que nela influíram, consigno, simbolicamente, bem ao gosto dos antropólogos, meu agradecimento a todos quantos, de uma forma ou de outra, sou devedora.

Em especial, agradeço a meu pai e meu primeiro professor, Alexandre Weinhardt da Silveira, que, além das primeiras letras, me ensinou o gosto por todas elas; a minha mãe, Maria Madalena Portes da Silveira, por transmitir seu gosto de sempre aprender mais. Aos meus irmãos, irmã, cunhadas (à Sidérea, *in memoriam*) e sobrinhas, devo a segurança de não estar só mesmo nas dificuldades, alguns sacrifícios e muito amor.

A dois médicos e mestres eméritos: Arari da Cruz Tiriba e Marco Antônio Bessa, que me fizeram repensar profundamente o papel e o valor da profissão médica. Tiriba ainda me ensinou que o trabalho de campo é muito mais do que meramente colecionar casos e fazer estatísticas.

Aos professores e funcionários do PPGAS/UFSC, pelo apoio e amizade. E aos colegas do mestrado, em especial aos da *República do Campeche*, com quem tive uma convivência profícua e carinhosa.

À professora Jean Langdon, orientadora dedicada, a quem devo a inspiração do tema, a compreensão das minhas limitações, o esforço para me ajudar a superá-las e o incentivo para a publicação.

À Raquel D. Pinheiro, pela amizade à primeira vista e por ter me ajudado a vencer a timidez e apresentar o meu trabalho para publicação. Mas, sobretudo, pela presteza incansável e por seu apego aos temas da saúde coletiva.

In memoriam: duas inspirações me abriram o caminho para a antropologia; seus artífices, Geraldo Magella Vermelho e Paulo Michaliszyn, infelizmente morreram antes de o produto de seu estímulo chegar. O primeiro – companheiro inesquecível – me ensinou a ver além daquilo que se enxerga. O segundo partilhou comigo a ambigüidade médico/antropólogo. Ambos me devem a solidão como legado e essa saudade persistente.

Ao Altamiro da Luz, cujo carinho velava pelos meus estudos noturnos, e ao senhor Bráulio Rosa, incansável portador de guloseimas e roupa lavada às quais ele, com certeza, acrescentava muito axé para mim. A grandeza deles me ensinou o valor da negritude, iniciando-me na prática de relativizar, tão cara à antropologia.

Este trabalho viabilizou-se graças à concessão de duas bolsas: uma do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), para a realização do curso de mestrado; e outra, da Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (FAPEU/UFSC), para o trabalho de campo.

Sua concretização, entretanto, só se deu porque pude contar com o auxílio precioso da própria comunidade do Campeche, e porque um grupo de mulheres se dispôs a abrir sua intimidade e contar suas dores e desventuras. Resguardadas aqui pelo anonimato imposto pela ética, espero que este meu agradecimento lhes chegue sob a forma de melhorias no atendimento, se eu tiver o mérito de ser ouvida pelo pessoal dos serviços de saúde.